

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
29 de maio de 2025

CURTAS -METRAGENS | NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA

FROM LUANDA... WITH LOVE / 2020

Um filme de Jorge António

Realização: Jorge António / Montagem: Jorge António, com excertos dos filmes Monangambé (1969) de Sarah Maldoror e Carnaval da Vitória (1978) de António Ole / Produção: Jorge António para o website Sala de Projecção da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, em linha entre 29 de abril e 30 de junho de 2020, durante a pandemia de Covid-19 / Colaboração Técnica: Pedro Louro / Cópia: DCP, a cores e a preto-e-branco, sem falas / Duração: 6 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Publicado no website Sala de Projecção da Cinemateca e exibido, em loop, na Sala de Projecção – A Exposição, patente entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022.

CECI N’EST PAS UNE PORTE / 2016

Um filme de João Paulo Amaro

Realização e Montagem: João Paulo Amaro / Coreografias: Ana Clara Guerra Marques & Nuno Guimarães / Produção: Companhia de Dança Contemporânea de Angola / Bailarinos: André Baptista, António Sande, Armando Mavo, Benjamin Curti, Daniel Curti, Samuel Curti / Cópia: DCP, a cores, sem falas / Duração: 4 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

AXILUANDA / 2014

Um filme de Rita GT

Realização: Rita GT / Assistência e Produção: Companhia de Dança Contemporânea de Angola, sob direção artística de Ana Clara Guerra Marques, Hugo Salvaterra/Geração 80, Manuel Correia, e.studio / Cópia: DCP, a preto-e-branco, sem falas / Duração: 5 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

PAISAGENS PROPÍCIAS / 2014

Um filme de Jorge António & Graça Castanheira

Realização: Jorge António & Graça Castanheira / Argumento: Jorge António & Graça Castanheira, a partir da vida e obra de Rui Duarte de Carvalho / Coreografias: Rui Lopes Graça / Música: João Lucas / Produção: Companhia de Dança Contemporânea de Angola, sob direção artística de Ana Clara Guerra Marques / Figurinos e Cenografia: Nuno Guimarães / Desenhos de Luz: Jorge Ribeiro / Esculturas: Isaac Dikuiza Rodrigues / Bailarinos: Adilson Valente, André Baptista, António Sande, Amando Mavo, Benjamin Curti, Daniel Curti, Samuel Curti / Cópia: DCP, a cores, sem falas / Duração: 25 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

ALAMBAMENTO / 2010

Um filme de Mário Bastos (Fradique)

Realização e Argumento: Mário Bastos (Fradique) / Produção: Hassan Said / Direção de Produção: Jorge Cohen / Direção de Fotografia: Jay I. Patel / Direção de Arte: Tchiyna Matos / Montagem: Greg Whitlow / Música: Paulo Flores / Gerente de Produção: Pedro Graça / Assistência de Realização: Tchiloia Lara / Som: Oswald Juliana / Assistência de Som: Mário Arnaldo / Direção de Som: Matt Wood / Interpretações: Correia Adão (Matias), Marieta Cabuço (Mena), Dom Petro Dikota (Agente Casimiro), Alfredo Guilherme Simão (Tixico), Júlio Lisboa (Beto), Maria Francisca Canganjo (Vizinha), Jacinto Gaspar da S. Francisco (Agente #1), Jorge Manuel Africano (Agente #2), Luís Handanga Jorge (Agente #3), Benedito Delgado Mateus (Membro da Multidão #1), Matondo Kiala (Membro da Multidão #2), Daniel Dadinho Afonso (Criança Atropelada) / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 15 minutos / Estreia Mundial: 27 de abril de 2011, FESTin, Portugal / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

O GATO PRETO / 1986-2010

Um filme de Jorge António

Ideia, Produção e Realização: Jorge António / (Re)montagem: Pedro Gancho / Colaboração: Paulo Morgado, António Bispo / Interpretações: Arnaldo Barão, Luís Pires Correia, Jorge António, Sofia Rodrigues / Cópia: DCP, a cores, sem falas, intertítulos em português / Duração: 6 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Exibição em 3 de fevereiro de 2011 na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, no âmbito do ciclo Cinema Português: Primeiras Obras, Primeiras Vezes.

Duração total da projeção: 61 minutos

Com a presença de Jorge António.

Jorge António é um cineasta no sentido originário cunhado por Louis Delluc: “Ao uso do termo cineasta, reservamos todos aqueles – animadores, realizadores, artistas, industriais – que fizeram alguma coisa pela indústria artística do cinema”, escreveu o realizador, cineclubista, teórico e divulgador francês. Grande promotor cultural, iniciando-se ainda em Lisboa na atividade cineclubista, trabalhando posteriormente como produtor na Companhia de Dança Contemporânea de Angola e diretor artístico do Festival Internacional de Cinema Documental DocLuanda, além de outras iniciativas que ajudou a consolidar e a dinamizar entre Portugal e Angola, é também um importante investigador do cinema angolano, tendo coordenado com Maria do Carmo Piçarra os três tomos do livro *Angola: O Nascimento de Uma Nação*. E é um realizador formado pela Escola Superior de Teatro, onde, como escreveu na Folha de Sala da sessão que lhe foi dedicada no ciclo “Cinema Português: Primeiras Obras, Primeiras Vezes”, teve “bons professores!!!” (os pontos de exclamação são do próprio), nomeadamente António Reis, Paulo Rocha, Jorge Silva Melo, José Nascimento e Manuel Costa e Silva. A vocação interartística e as raízes que foi ganhando em Angola (em 1993, assina a primeira coprodução luso-angolana, **Miradouro da Lua**, “um filme em que poucos acreditavam, pela loucura de ir filmar num país em guerra”, contou na dita Folha) podem ser atestadas nesta sessão, programada pelo próprio Jorge António, e atravessada por filmes em que colaborou, ajudou a produzir e, claro, realizou ou corealizou.

Explica o próprio, em entrevista concedida para efeitos de escrita desta Folha, que para o presente ciclo pretendeu convocar “filmes que [marcaram] o meu percurso e que não [foram] obrigatoriamente só realizados por mim”. Nesta sessão, o espírito irrequieto e colaborante de Jorge António ganha forma fundamentalmente entre dois domínios essenciais: o da dança e o do cinema, mas também algures entre o sonho e a realidade, com Angola não como “pano de fundo”, mas

essencialmente como desígnio ou lugar de (re)criação. O papel dinamizador de Jorge António aí é, hoje, inquestionável, sendo uma voz crítica em relação à falta de rumo e estruturas que tornem o cinema angolano mais do que um somatório de circunstâncias pontuais: “O Cinema angolano não existe, como sistema, enquanto proposta artística. Há filmes, conteúdos, mas não têm a força e originalidade que permita dizer que o cinema angolano seja representado por este ou outro autor”, alertou numa comunicação pública recente, dada precisamente em Luanda. Na ligação entre artes e criação de uma comunidade em torno das artes, e em particular do cinema, faz-se a presente sessão, que vai desaguar na primeira obra oficial do realizador, a qual só na aparência não tem nada a ver com Angola. Explica o próprio na dita entrevista: “Não se vê, não se sabe, mas na altura da Escola de Cinema e da rodagem desta curta, a minha namorada [Ana Clara Guerra Marques] era angolana e foi ela que me convidou e organizou a minha viagem a Angola que acabou por mudar a minha vida. Esse foi realmente o momento de viragem e a prova de que é o amor que governa o mundo. **O Gato Preto** é o meu primeiro filme angolano. (Risos)”

Até chegarmos a 1986, avançando ou recuando até essa experiência onírica, que mistura Jean Cocteau com Salvador Dalí, percorremos a paisagem angolana através de obras que documentam espetáculos de dança ou *performances* conceptualizadas pela Companhia de Dança Contemporânea de Angola, sob direção artística de, precisamente, Ana Clara Guerra Marques. Filmes como **Ceci N'est Pas une Porte**, **Axiluanda** e **Paisagens Propícias** mostram corpos rompendo com movimentos-padrão em íntimo diálogo com as danças e rituais ancestrais do povo (**Paisagens Propícias**), rasgando – e interrompendo – a paisagem cheia de lixo (**Axiluanda**) ou escapando por entre celas alegorizadas (**Ceci N'est Pas une Porte**). A passagem, à cabeça, de **From Luanda... with Love**, filme que Jorge António generosamente produziu para a rubrica da Cinemateca Portuguesa, organizada durante a pandemia da Covid-19, *Sala de Projecção*, lança o mote, fazendo do cativo que nos foi imposto pela pandemia motivo de interceção entre imagens de **Monangambé** (1969) de Sarah Maldoror e de **Carnaval da Vitória** (1978) de António Ole. Se o primeiro fora, com **Sambizanga** (1972) da mesma realizadora, um dos filmes “fundadores da ficção cinematográfica que reflete a opressão colonialista portuguesa na África lusófona” (Maria João Madeira, Folhas CP), o segundo “é um filme sobre a capacidade de resistir e sobreviver” (Antonio Rodrigues, Folhas CP). Ora, em **From Luanda... with Love**, uma câmara-corpo, de respiração ofegante, enfrenta o mundo lá fora, furando a malha da sua própria desconfiança e do medo reinante que a cerca e oprime – o *transfert* da situação do colonialismo e da guerra para um tempo comum, partilhado mundialmente, do confinamento durante a pandemia de Covid-19 é *performatizado* deste modo pela câmara de António.

A eventual “carta fora do baralho” – mais até do que o “edgar allan poeniano” **O Gato Preto** – é mesmo **Alambamento**, realizado por um dos principais nomes da atual cinematografia angolana: Mário Bastos, *vulgo* Fradique, um dos fundadores da fervilhante produtora/coletivo Geração 80. No entanto, e vendo melhor, talvez a carta esteja bem dentro do baralho, porquanto a história de violência e opressão, tal como a maneira como esta “se encena” quase prescindindo de diálogos, é parte do mesmo movimento geral que atravessa os filmes desta sessão, nomeada e mormente os pesadelos irrequietos filmados em Super-8 por António durante os seus “verdes anos” de cinéfilo, cineclubista e estudante na Escola Superior de Cinema no Conservatório de Lisboa, na especialidade de produção. A série de “unfortunate events” que assola a vida do protagonista de **Alambamento** parece pertencer a essa mesma “linguagem de pesadelo”, onde ninguém é digno de confiança, nem tão-pouco as forças de autoridade, e onde uma criança estendida no chão é deixada ao abandono, pois o mais importante é atacar, humilhar e lucrar com o condutor que acidentalmente a atropelou. Este, de nome Matias, transporta no seu carro o conjunto de bens que assegurará o “alambamento” ou a constituição do dote que lhe permitirá esposar a bela Mena. É uma fábula negra contemporânea, altamente política, em que ao protagonista, para citar a passagem de Edgar Allan Poe com que abre **O Gato Preto**, parece não ser reconhecida “a bênção do repouso”. Afinal, tudo está ligado.

Luís Mendonça